

# FRICATIVA CORONAL PÓS-VOCÁLICA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Julienne Lopes Ribeiro PEDROSA

Doutor. UFPB  
E-mail: julienepedrosa@yahoo.com

Dermeval da HORA

Doutor. UFPB/CNPq  
E-mail: dermeval.dahora@gmail.com

## **Resumo**

As fricativas coronais no Português Brasileiro (PB) em posição pós-vocalica, como em pa/S/ta, me/S/mo, doi/S/, mai/S/, têm sido estudadas por inúmeros pesquisadores em diferentes regiões do Brasil. O que observamos, em geral, é que o seu uso variável implica, majoritariamente, a presença de variantes alveolares em oposição a variantes palato-alveolares, sem descartar, entretanto, o uso de outras variantes, como o zero fonético e a aspirada. Este artigo tem dois focos principais: (a) estudos descritivos referentes ao comportamento dessa variável no PB, em diferentes falares, com base em estudos variacionistas, e (b) uma análise teórica com base na Teoria da Otimalidade (TO), usando a proposta do Rank-ordering Model of EVAL –ROE (COETZEE, 2004; 2006).

## **Palavras-chave**

Fricativas coronais; Variação; Teoria da Otimalidade; Rank-ordering Model of EVAL

## 0. Introdução

Os estudos variacionistas têm oferecido grandes contribuições para uma descrição apurada do comportamento dos diferentes níveis da língua. Especificamente, em se tratando do nível fonológico, é a partir deles que temos conseguido mapear diferentes possibilidades de uso, quando tratamos das vogais, dos ditongos, da sílaba, do acento e das consoantes, nosso objeto de análise.

Das consoantes, mais especificamente, sabemos que os estudos levam em consideração todas as posições na sílaba, segundo as quais Câmara Júnior (2001 [1970]) as classificou. E, nesse sentido, é a posição pós-vocálica que tem atraído a atenção de muitos estudiosos. Se há a possibilidade de termos, além dos glides, quatro consoantes preenchendo-a, a que vai nos interessar, neste capítulo, é aquela preenchida pela fricativa, e que, fonologicamente, representaremos como /S/, independentemente de ser vozeada ou desvozeada.

Para um maior aprofundamento sobre a questão, levaremos em consideração informações oriundas de estudos variacionistas realizados no Português Brasileiro (PB) e, com base nessas informações, todas de cunho descritivo, trataremos de abordar tal variável numa perspectiva teórica, buscando entender quais as possibilidades de explicação que temos.

Para desenvolver este estudo, assim o estruturamos: na seção 1, apresentaremos uma avaliação sincrônica da fricativa pós-vocálica no PB, considerando estudos pautados em diferentes falares; na seção 2, introduziremos alguns conceitos da Teoria da Otimalidade, especificamente do ROE (COETZEE, 2004; 2006), que servirão de base para a nossa análise, considerando a descrição realizada.

### 1. O /S/ pós-vocálico no Português Brasileiro

Com base nos estudos variacionistas realizados no Brasil, procuraremos apresentar um panorama do comportamento do /S/ pós-vocálico, considerando as variantes selecionadas e as restrições que a elas se correlacionam.

Callou, Leite e Moraes (2002), utilizando dados do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), analisam o processo de enfraquecimento das fricativas pós-vocálicas em cinco capitais brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador), considerando aspectos estruturais e sociais.

Em relação ao Rio de Janeiro, o comportamento do /S/ pós-vocálico é bastante semelhante nas posições medial e final, traçando o seguinte caminho: palato-alveolar (90% e 75%) — aspirada (6% e 10%) — apagamento (2% e 8%) — alveolar (1% e 8%). A palato-alveolar é a variante mais produtiva, tanto na posição medial quanto na final, com percentagens bem distantes das demais variantes.

No falar de São Paulo, a variante mais produtiva é a alveolar com 88%

e 91% nas posições medial e final, respectivamente. As outras variantes têm uma frequência muito baixa, não havendo, inclusive, dados de aspiração em nenhuma das posições. A palato-alveolar apresenta 9% na posição medial e 5% na posição final; o apagamento, 3%, nas duas posições.

Os resultados do falar de Porto Alegre são semelhantes aos de São Paulo, apresentando a mesma ordem: alveolar (77% e 96%), palato-alveolar (23% e 2%), apagamento (0% e 1%) e aspirada (0% e 1%). Em relação a esse falar, duas observações merecem destaque: (a) a relação inversamente proporcional das variantes palato-alveolar e alveolar; e (b) a disparidade nas percentagens em relação à posição na palavra, distinguindo-as das outras duas variantes que têm uma frequência bem próxima nas duas posições.

No falar de Recife, as variantes palato-alveolar (84% e 54%) e alveolar (10% e 34%) também apresentam resultados bem distantes entre a posição medial e final, enquanto as demais variantes apresentam resultados mais próximos: aspirada (5% e 7%) e apagamento (2% e 5%). É importante ressaltar que a variante palato-alveolar é a mais frequente, semelhante ao falar do Rio de Janeiro.

Os dados relativos ao falar de Salvador mostram uma relação inversamente proporcional na frequência de uso das variantes palato-alveolar (56% e 31%) e alveolar (39% e 51%), inclusive se comparadas às posições medial e final. As variantes aspirada (4% e 9%) e zero (1% e 9%) são pouco frequentes, principalmente na posição medial.

Uma análise dos dados apresentados leva-nos a concluir que há falares que, marcadamente, favorecem o uso da variante alveolar, como é o caso de São Paulo e Porto Alegre, e outros que favorecem o uso palato-alveolar, como o Rio de Janeiro e Recife. No caso de Salvador, o uso dessas duas variantes apresenta resultados muito próximos, tanto em posição medial quanto em posição final.

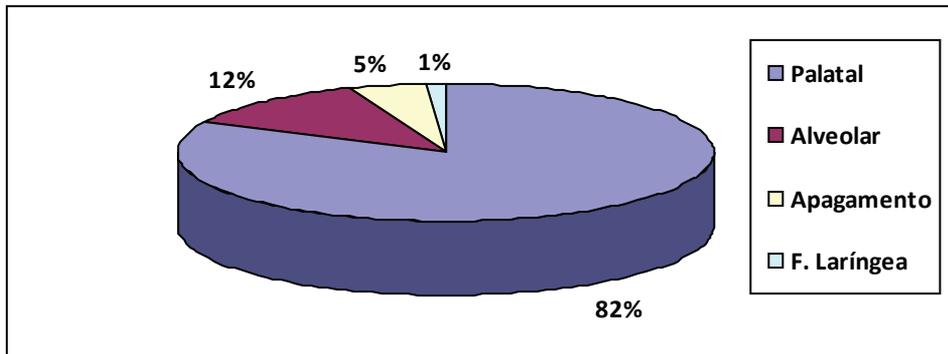
Diferente desse trabalho, que considera as cinco capitais do Projeto NURC, Brescancini realizou sua tese sobre o mesmo tópico, mas com dados de Florianópolis, levando em conta três regiões desse município: Centro Urbano, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa. Sobre os detalhes metodológicos, sugerimos conferir a tese da autora.

Os resultados de sua análise sobre a fricativa /S/ pós-vocálica podem ser observados no Gráfico (1)<sup>1</sup>, em que aparecem as variantes selecionadas: alveolar, palato-alveolar, laríngea ou aspirada e apagamento ou zero fonético.

---

<sup>1</sup> Este gráfico é de nossa autoria, assim como os demais Gráficos e Quadros.

Gráfico 1 – Resultado Geral



Constatamos que a variante palato-alveolar é a mais frequente, com 82%, destacando-se das demais variantes que se somam em 18%. A variante alveolar é a segunda mais frequente com 12% de aplicação e o apagamento e a fricativa laríngea, respectivamente, com 5% e 1%.

Brescancini (2002) faz uma análise bastante detalhada dos resultados obtidos, realizando cruzamento de fatores na busca de estabelecer as relações entre eles no favorecimento ou não da variante palato-alveolar. Os resultados de sua análise ratificam a prioridade da palato-alveolar em relação às outras variantes.

Saindo do mapeamento Sul e Sudeste do Brasil, voltamos a nossa atenção para a realidade do Nordeste ao observarmos os trabalhos realizados por Hora (2003) e Ribeiro (2006), ambos baseados no falar paraibano.

Os dados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) fazem parte do *corpus* do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba – VALPB (1993). O *corpus* foi coletado em João Pessoa – Paraíba, e é constituído da fala de 60 informantes, estratificados segundo o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização.

O trabalho de Hora (2003) versa sobre o /S/ pós-vocálico na posição interna à palavra, enquanto que o de Ribeiro (2006) se detém na posição final de lexemas.

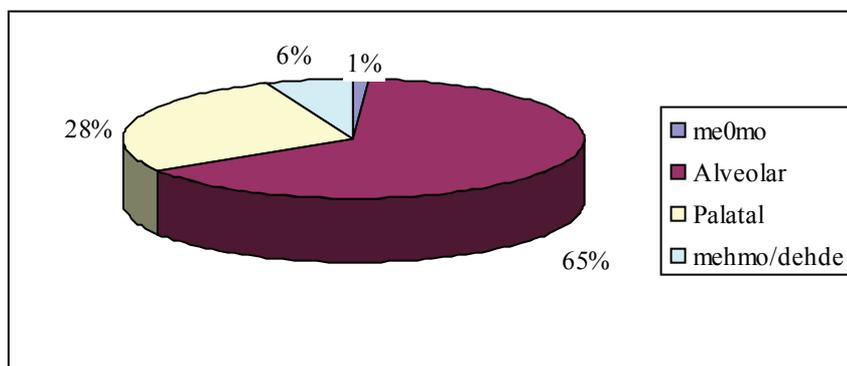
De posse dos dados de Hora (2003), percebemos que as variantes alveolar [s, z] (e[s]fera, re[z]vala), palato-alveolar [ʃ, ʒ] (go[ʃ]to, de[ʒ]de) e aspirada [h] (me[h]mo) são produtivas, diferente da variante zero [∅] que se mostra pouco produtiva<sup>2</sup>, ocorrendo, especificamente, com determinados itens lexicais; no caso dessa pesquisa, apenas com o item me[∅]mo.

É importante mencionar que no *corpus* utilizado por Hora (2003), a ocorrência da palato-alveolar está associada ao contexto fonológico seguinte coronal. Assim, quanto ao uso, há uma dominância da alveolar, seguida pela palato-alveolar condicionada ao contexto coronal seguinte e com poucos casos da

<sup>2</sup> As realizações de apagamento nessa posição são raras e bem específicas de determinados itens lexicais, o que permitiria dizer que é um processo de difusão lexical. Ex.: me[∅]mo, di[∅]juntor e júri[∅]dição.

aspirada e do apagamento. Reforçamos que, nesse último caso, as ocorrências eram específicas do item lexical **mesmo**, o que provavelmente confirma a hipótese de difusão lexical. Como comprovamos no Gráfico (2) a seguir:

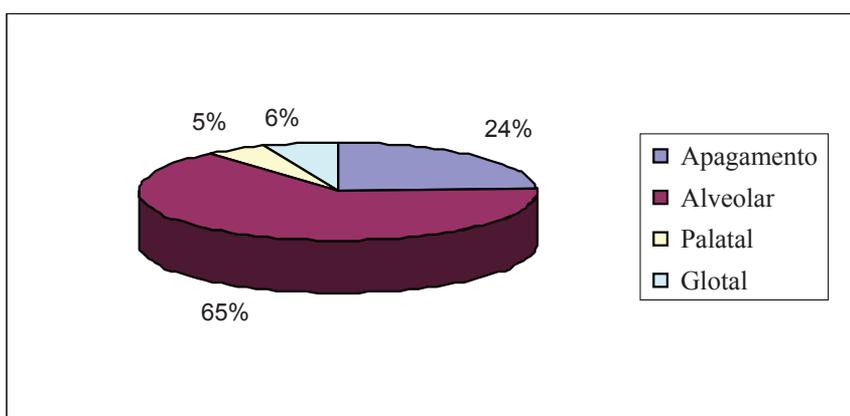
Gráfico 2 – Resultado Geral do /s/ Pós-Vocálico Medial



Diante das poucas ocorrências da aspirada (6%) e do apagamento (1%), Hora (2003) optou por fazer uma análise contrastiva entre a variante alveolar e palatal, para determinar o contexto de uso dessa última, semelhante ao trabalho de Brescancini (2002). O que resulta, no final, é que o uso da palato-alveolar, em posição medial, tem como condicionante o contexto fonológico seguinte dental, como em “po[ʃ]te” e “de[ʒ]de”.

A variação do /S/ pós-vocálico na posição final, segundo Ribeiro (2006), também se apresenta sob a forma alveolar [s,z], palato-alveolar [ʃ, ʒ] e aspirada [h]. Além desses casos, o zero [∅] é encontrado em final de palavra, diferenciando da coda interna. O Gráfico (3), a seguir, ilustra os resultados.

Gráfico 3 – Resultado Geral do /s/ Pós-Vocálico Final



Os dados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) refletem que o comportamento da fricativa coronal pós-vocálica no dialeto de João Pessoa não é semelhante quando em interior ou em final de lexema, já que temos número e comporta-

mento diferenciados de variantes para cada posição: [s, z, ʃ, ʒ, h] para a posição interna e [s, z, ʃ, ʒ, h e Ø] para a final.

Os trabalhos de Callou, Leite, Moraes (2002); Brescancini (2002); Hora (2003) e Ribeiro (2006) nos permitem estabelecer um quadro comparativo que explicita as tendências do comportamento variável do /s/ pós-vocálico no PB. E, mesmo que o primeiro trabalho se utilize apenas de falantes universitários, enquanto os demais também se utilizem de outros níveis de escolarização, entendemos que a comparação é confiável, pois os mesmos fatores estão restringindo o fenômeno em estudo e o mesmo pacote de variáveis é apresentado.

Em resumo, nos dialetos do PB, segundo os resultados de Callou, Leite, Moraes (2002); Brescancini (2002); Hora (2003) e Ribeiro (2006), as variantes se alternam entre as formas [s,z], [ʃ,ʒ], [h] e [Ø], fato que pode ser comprovado no Quadro (1).

Quadro 1 – Variantes do PB

LÍNGUA – DIALETOS		VARIANTES
Português Brasileiro	Rio de Janeiro Callou, Leite, Moraes (2002)	[ , ] > [h] > [ ] > [s,z]
	São Paulo Callou, Leite, Moraes (2002)	[s,z] > [ , ] > [ ] > [h]
	Porto Alegre Callou, Leite, Moraes (2002)	[s,z] > [ , ] > [ ] > [h]
	Recife Callou, Leite, Moraes (2002)	[ , ] > [s,z] > [h] > [ ]
	Salvador – posição medial posição final Callou, Leite, Moraes (2002)	[ , ] > [s,z] > [h] > [ ] [s,z] > [ , ] > [h] > [ ]
	Florianópolis Brescancini (2002)	[ , ] > [s,z] > [ ] > [h]
	João Pessoa – posição medial posição final Hora (2003) e Ribeiro (2006)	[s,z] > [ , ] > [h] > [ ] [s,z] > [ ] > [h] > [ , ]

Podemos perceber pelo Quadro (1) que, em geral, há uma convergência de comportamento do /S/ pós-vocálico, já que as variantes são comuns em todos os dialetos analisados. O que muda de um corpus para o outro é o seu ordenamento.

Outro aspecto que merece destaque é a preservação do /S/ pós-vocálico, principalmente na posição medial. A posição final é confirmada como a mais débil, favorecendo os processos de enfraquecimento e apagamento.

Os resultados mostram que as variantes [s,z], [ʃ,ʒ], [h] preenchem as posições medial e final, e a variante [Ø] é exclusiva da posição final. As variantes

[j,ʒ] e [h] são menos frequentes, condicionadas ao contexto fonético-fonológico que as circundam.

A retomada desses resultados é fundamental à análise que esboçaremos e para as restrições que discutiremos na próxima seção, já que buscam dar conta dos pontos destacados, principalmente no que se refere à distinção entre a posição medial e a final, e ao inventário das variantes.

## 2. Introduzindo a Teoria da Otimalidade (TO)

Com já mencionamos, a perspectiva teórica que utilizaremos como base será a Teoria da Otimalidade (TO), especificamente a proposta de Coetzee (2004; 2006). Portanto, antes de iniciarmos a nossa análise, é importante reforçamos algumas concepções da Teoria.

A TO tem sido utilizada com muita frequência desde a última década do século passado, quando foi proposta. É importante reforçarmos que a ruptura na linha do pensamento teórico derivacional é um dos principais propósitos dessa teoria, trazendo como elemento fundamental de seu modelo teórico o uso das restrições.

Podemos dizer que a idéia de um modelo cíclico, defendido pela perspectiva derivacional, é substituída por um modelo “físico” que lida com a idéia de conflito de forças. As forças conflitantes de marcação e de fidelidade vão concretizar sua luta através das restrições que as representam. E, por isso, desempenham papel fundamental na teoria, consistindo no cerne das análises propostas. Dessa forma, entender como uma língua acomoda esse conflito pode ser a resposta buscada pelos linguistas.

Antes de esboçarmos o conflito gerado por nosso objeto de estudo, o /S/ pós-vocálico, é importante entendê-lo bem e principalmente perceber o seu funcionamento dentro da língua. Fato que motivou a observação de dados empíricos que pudessem nos levar a refletir, dentro do inventário das restrições universais, quais as que efetivamente irão participar do processo que iremos analisar.

Os trabalhos de Prince, Smolensky (1993) e McCarthy, Prince (1993) trazem os fundamentos da TO, a formulação de restrições relacionadas à sílaba e aos domínios prosódicos, assim como propostas de análise de alguns aspectos linguísticos dos falares Imdlawn Tashkhiyt (Berber) e Lardil (Austrália), no primeiro trabalho; e do Axininca Campa (Peru), no segundo.

Ao tomar esses estudos por base, corroboramos a idéia de que, embora pareçam totalmente opostas, as teorias sempre se completam, alimentando-se uma das outras e trazendo soluções a problemas antes não resolvidos. Assim como foi a partir da Teoria Prosódica e da Fonologia Métrica que a sílaba voltou a obter relevância, principalmente quando se pretende observar a convergência e a divergência entre as línguas em busca dos universais linguísticos, foi a partir da Teoria Prosódica e da Fonologia Lexical que se consolidou uma análise linguística voltada aos domínios prosódicos. Posterior a essas teorias, a TO

também considera esses pontos ao propor suas restrições, que vão lidar com os aspectos da estrutura e organização da sílaba e com os domínios linguísticos que devem ser considerados no momento da análise e formação do léxico.

Assim, as restrições que buscam dar conta da estrutura da sílaba, expostas em Prince, Smolensky (1993) e McCarthy, Prince (1993), são bastante significativas para a nossa análise, por isso cabe-nos explicitá-las para que possamos usá-las.

Levando em consideração o princípio de que a maioria das línguas opta pelo padrão CV em sua estrutura silábica, é natural que as restrições de marcação busquem resguardar aquilo que é menos marcado (CV) em detrimento do mais marcado (CVC, VC), uma vez que as restrições de marcação tratam da questão do que é universal (menos marcado) e o que é particular (mais marcado) nas línguas (ARCHANGELI, 1997). Por isso, ao analisarmos a estrutura da sílaba (*onset*, núcleo e coda), podemos lidar com as restrições de marcação expostas em (1).

(1) Restrições de marcação:

- a) ONSET → sílabas têm *onset*.
- b) NOCODA → sílabas não têm coda.
- c) CODACOND(ITION) → delimita condições para as codas consonantais.
- d)  $\sigma = N$  → sílabas são formadas por núcleo.
- e) FILL → posições silábicas são preenchidas com material segmental<sup>3</sup>.

Como o português tem uma estrutura silábica que permite *onset*, inclusive prioriza o padrão CV, entendemos que a restrição (a) ONSET é profícua e, por isso será alta na hierarquia dessa língua. É importante ressaltarmos, que, embora pouco produtivas, há sílabas sem *onset*, a exemplo de palavras como “âncora” – [ã.ko.ra] e “eleição” – [e.lej.sãw], que apresentam sílabas iniciais sem *onset*, e de palavras como “real” – [xe.aw] e “coar” – [ko.ah], que têm sílabas sem *onset* no seu interior. No que concerne a esse último caso, ou seja, sílabas sem *onset* dentro da palavra, a complicação torna-se maior porque o português também é pouco produtivo em relação a hiatos, preferindo a produção de ditongos.

Em relação à posição de coda, o PB permite codas, mas, diferente de outras línguas, restringe os segmentos consonantais que podem ocupar essa posição, licenciando apenas líquidas, nasais e a fricativa coronal. Argumentamos, contudo, que só as líquidas e nasais são permitidas nessa posição, lembrando que a coda nasal não mais se realiza foneticamente como consoante (“campo” – [kã.pu], “ponte” – [põ.ti]) e que as líquidas estão passando por um processo de enfraquecimento, que tende à semivocalização e ao apagamento do segmento consonantal em coda, como nos exemplos “maldade” – [maw.da.de],

<sup>3</sup> Temos conhecimento de que a restrição FILL não é mais utilizada nas análises atuais, mas optamos por mencioná-la aqui pelo fato de nos permitir levantar discussão sobre o preenchimento de segmentos.

“mel” – [mew] e “multa” – [muø.ta] da líquida lateral, e nos exemplos “porta” – [pɔh.ta], “força” – [foø.sa], “mar” – [mah] e “trator” – [tra.toø] da líquida vibrante. Esses fatos também reforçam a busca pelo padrão CV para o PB, mas diante das poucas realizações fonéticas da coda consonantal, entendemos que tanto a restrição (b) NOCODA quanto a restrição (c) CODACOND são utilizadas no português.

Diante dos dados empíricos sobre as coda no PB, levantamos a proposta de que o /s/ pós-vocálico se trata, na verdade, de um *onset* de **núcleo foneticamente vazio**<sup>4</sup>, fato ressalta a importância das restrições (d) e (e). A restrição (d) que propõe que toda sílaba é formada por núcleo ( $\sigma = N$ ) será relida por nós para alcançar o nosso objetivo. Primeiramente, entendemos que não são todas as consoantes que podem sustentar uma sílaba sem a realização fonética de seu núcleo, argumentamos isso baseados em Harris e Gussmann (1998); Kaye (1992) e Cardoso e Liakin (2007). Na realidade, é natural que o núcleo precise ser preenchido ( $FILL_{Nuc}$ ), já que a sílaba é constituída por ele ( $\sigma = N$ ), mas precisávamos destacar um caso em que esse fato não ocorresse. Daí, a necessidade de uma restrição que condicionasse o *onset* que se faz presente, por isso optamos por entender  $\sigma = N$  como  $*\sigma = ONS(ET)$ , ou seja, sílabas não podem ser formadas apenas por *onset*, permitindo, assim, o condicionamento do *onset*, inclusive determinando-o quanto aos traços que o compõem:  $*\sigma = ONS_{[CONT., COR., ANT.]}$

Além das restrições de marcação, as de fidelidade também são fundamentais para a nossa análise, pois para a TO todo processo linguístico envolve a ação conflitante entre marcação e fidelidade. E, ainda, segundo Archangeli (1997), as restrições de fidelidade prezam pela relação fiel entre o *input* e o *output*, buscando mostrar a correspondência intrínseca entre a forma subjacente e a forma ótima que será produzida. Para melhor ilustrar, destacamos em (2) as restrições de fidelidade relacionadas ao nosso objeto de estudo.

## (2) Restrições de Fidelidade:

- f) DEP-IO → todo elemento do *output* é também um elemento do *input*, ou seja, evita a inserção de segmentos no *output*.
- g) MAX-IO → todo elemento do *input* tem um correspondente no *output*, ou seja, evita o apagamento de segmentos no *output*.
- h) IDENT-IO → segmentos do *output* e do *input* são idênticos.

A restrição (f) DEP-IO também precisará de especificações para dar conta do /S/ pós-vocálico. Trataremos especificamente da inserção de segmentos vocálicos (DEP-V), tornando essa restrição mais profícua para nossa análise do que se utilizássemos a restrição (h) IDENT-IO, que engloba os conceitos de MAX-IO e DEP-IO ao mesmo tempo. Destacamos a necessidade de especificar DEP-IO por causa da alta incidência de inserção de semivogais quando da pre-

<sup>4</sup> Para maiores detalhes sobre essa proposta, ver Pedrosa (2009).

sença do /S/ pós-vocálico, como em “luz” – [lujs] e “desde” – [dejzdi], dessa forma, DEP-V dará conta da inserção de vogais sem restringir a inserção de semivogais.

No caso da restrição (g) MAX-IO, iremos utilizá-la especificando o domínio prosódico, se sílaba ou palavra fonológica, quando necessário: MAX<sub>σ</sub> e MAX<sub>phw</sub>. É importante salientar a distinção entre essa restrição e a restrição FILL, dado que a primeira evita apagamento e a segunda prevê realização de material segmental. Em tese, ambas buscam garantir a presença do segmento, mas por caminhos distintos, ou seja, do não apagamento (MAX-IO) e do preenchimento (FILL). A restrição DEP-IO, que evita a inserção, é considerada mais abrangente do que a restrição FILL, além de não deixar material residual, sendo, por isso, preferida a essa nas análises atuais e na nossa também.

Conhecidas as restrições que faremos uso, podemos partir para a análise do /s/ pós-vocálico sob a perspectiva do ROE (COETZEE, 2004; 2006).

### 3. Análise do /S/ pós-vocálico sob a perspectiva do ROE

Antes de iniciarmos nossa análise, é importante destacarmos alguns pontos sobre o ROE (COETZEE, 2004; 2006). Esse fato tornará nossa discussão mais didática.

Ressaltamos que a proposta do ROE defende que o EVAL estabelece um ordenamento para todos os candidatos através da hierarquia das restrições. Interessante é que outras propostas da TO conseguiram lidar, ao mexer com o ordenamento das restrições, com a idéia da variação, mas apenas a ROE consegue também hierarquizar efetivamente os candidatos considerados variantes.

Assim, ao se pretender fazer uma análise sob essa perspectiva, é pré-requisito identificar o quadro variável do objeto de estudo e a frequência de uso das variantes, para então se estabelecer a hierarquia de restrições que propicia o ordenamento dos candidatos prováveis de acontecer em determinada língua e/ou falar.

Como um de nossos objetivos é estabelecer uma provável hierarquia para a realização do /S/ pós-vocálico no falar pessoense (HORA, 2003, RIBEIRO, 2006), indicando não só o candidato ótimo, mas também a ordenação dos demais candidatos entre si, cabe-nos, então, retomar os dados através do Quadro (2):

Quadro 2 – Ordenamento das Variantes do /s/ Pós-Vocálico no Dialeto Pessoense

VARIANTES	OCORRÊNCIAS/TOTAL		PORCENTAGEM	
	Posição Medial	Posição Final	Posição Medial	Posição Final
[s,z]	6164/9517	4462/7034	65%	65%
[ʃ,ʒ]	2661/9517	420/7034	28%	5%
[h]	583/9517	434/7034	6%	6%
[∅]	109/9517	1718/7034	1%	24%

Diante dos resultados expostos, podemos estabelecer o seguinte ordenamento das variantes quando levamos em consideração a posição medial: [s,z] – 65% > [ʃ, ʒ] – 28% > [h] – 6% > [∅] – 1%. E, a partir desse ordenamento, propomos a análise exposta no Tableau (1) para o /S/ pós-vocálico em posição interna à palavra:

Tableau 1 – /s/ Pós-Vocálico na Posição Medial

/desde/	NOCODA-OBS.	D E P - V	MAX-IO	*σ=ONS	*σ=ONS	*σ=ONS
				[+CONT., -COR., -ANT.]	[+CONT., +COR., -ANT.]	[+CONT., +COR., +ANT.]
☞ a. dej.z.di						*
☞ b. dej.ʒ.di					*	
☞ c. dej.h.di				*		
☞ d. dej.∅.di			*			
e. dez.de	*!					
f. dejz.di	*!					
g. des.de	*!					
h. dej.zi.di		*!				
i. dej.ʒi.di		*!				

Como exposto no Tableau (1), os quatro primeiros candidatos satisfazem as restrições antes da linha de corte, que separa os *outputs non-sense* dos candidatos variantes. E de acordo com a hierarquia das restrições após a linha de corte, é possível determinar quais os candidatos mais prováveis de serem realizados, estabelecendo também um ordenamento entre eles.

O candidato (a) [dej.z.di] é o mais provável, já que só viola a última restrição após a linha de corte ( $*\sigma=ONSET_{[+cont., +cor., +ant.]}$ ), indicando que a consoante alveolar é a mais propícia a sustentar uma sílaba sem o núcleo.

O candidato (b) [dej.ʒ.di] é o segundo mais provável de ocorrer de acordo com a frequência de uso exposta no Quadro (2). No entanto, observando os dados discutidos por Hora (2003), entendemos que no caso especial dos candidatos que têm a sílaba seguinte iniciando pelas oclusivas dentais /t/ e /d/, como o item /desde/ analisado, a consoante palatal torna-se a variante mais profícua, chegando a um índice quase categórico de uso. Esse fato nos faz repensar, primeiramente, na hierarquia das restrições e em uma provável mudança de análise, mas observando os dados cuidadosamente e levando em consideração que as variantes [s,z] e [h], mesmo em menor frequência, também ocorrem nesse contexto, acreditamos que, principalmente no caso do item lexical analisado, tratar-se de difusão lexical.

Outro argumento que pode ser levantado é o fato de o traço coronal ser ambiente propício à palatalização e, por isso, as consoantes /t/ e /d/ favorecerem a variante palato-alveolar. Isso nos leva a concluir que a porta de entrada para uma maior frequência da variante palato-alveolar nesse falar é o contexto coronal, conseqüentemente caberia a ele iniciar o processo de variação, que depois poderia assumir outros ambientes e tornar-se mais frequente.

Apesar de o item lexical ‘mesmo’ ser o único a propiciar o apagamento do /S/ pós-vocálico, a linha de corte está antes de MAX-IO porque acreditamos não ser uma característica individual e, sim, da comunidade analisada. Sabemos que posição interna é mais resistente a apagamentos e inserções e concordamos com isso, mas não podemos deixar de observar a tendência ao aumento da frequência de apagamento em situações informais nessa comunidade de fala, inclusive com outros itens, a exemplo de [dej.Ø.de].

Passando à frequência das variantes na posição final de palavra, temos o seguinte ordenamento: [s,z] – 65% > [Ø] – 24% > [h] – 6% > [j, ʒ] – 5%, o que nos dá a hierarquia expressa no Tableau (2).

Tableau 2 – /s/ Pós-Vocálico na Posição Final

/luz/	NOCODA-OBS.	DEP-V	*σ=ONS	*σ=ONS	MAX-IO	*σ=ONS
			[+CONT., +COR., -ANT.]	[+CONT., -COR., -ANT.]		[+CONT., +COR., +ANT.]
a. luj.s						*
b. luj.Ø					*	
c. luj.h				*		
d. luj.ʒ			*			
e. lus	*!					
f. lujs	*!					
g. luj.zi		*!				

Assim como na posição medial, a variante alveolar é a mais frequente, por isso [luj.s] é o melhor candidato, violando apenas a última restrição (\*σ=ONS<sub>[+CONT., +COR., +ANT.]</sub>) após a linha de corte.

O segundo candidato é o que apresenta o apagamento [luj.Ø], daí a restrição MAX-IO não poder ser a restrição primeira após a linha de corte. Se compararmos a hierarquia das restrições para a posição medial e final, constatamos que as restrições \*σ=ONSET<sub>[+cont., +cor., -ant.]</sub> e MAX-IO trocam de lugar para poder da conta do ordenamento dos candidatos. Fato que será melhor discutido, quando analisarmos o /S/ pós-vocálico tanto na posição medial quanto final em um único item lexical.

Como a frequência da consoante aspirada é menor do que a da alveolar e do apagamento, (c) [luj.h] é o terceiro candidato a ser selecionado na posição final. E, assim como a fricativa alveolar, a aspirada mostra possuir o mesmo comportamento, independentemente da posição que ocupa na palavra.

O candidato (g) [luj.zi], apesar de ter sido descartado, merece uma reflexão. Esse candidato mostra o preenchimento do núcleo da sílaba que antes era sustentada apenas pelo onset fricativo coronal. Nos dados de Ribeiro (2006) não foi observado nenhum caso de preenchimento do núcleo na posição final, mas há dados de aquisição que demonstram a possibilidade de ocorrência desse candidato.

Mezzomo (LAMPRECHT, 2004), ao analisar dados de aquisição do PB

como L1, encontra 10,68% de casos de preenchimento do núcleo, estratégia de reparo que denomina epêntese, já que considera o /s/ pós-vocálico uma coda. Os dados de Lucena (2007) mostram que até mesmo na aquisição de LE por falantes do PB a epêntese é utilizada, buscando aproximar a fonotática entres essas línguas, e que as consoantes fricativas (.41) e a posição final (.70) são uns dos fatores que mais propiciam essa estratégia de reparo. Por fim, destacamos que os dados sobre leitura e escrita do /s/ pós-vocálico (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) revelaram a ocorrência de três casos de preenchimento do núcleo, todos relacionados ao item lexical “mês”.

Esses resultados nos levam a acreditar em uma tendência ao preenchimento do núcleo final e na conseqüente mudança da restrição DEP-V<sub>PhW</sub><sup>5</sup> para depois da linha de corte, incluindo os candidatos com o núcleo final preenchido no quadro de variantes, como mostra o Tableau (3).

Tableau 3 – /s/ Pós-Vocálico na Posição Final

/mes/	NOCODA-OBS.	DEP-V <sub>PhW</sub>	*σ=ONS [+CONT., +COR., -ANT.]	*σ=ONS [+CONT., -COR., -ANT.]	MAX-IO	*σ=ONS [+CONT., +COR., +ANT.]
a.mej.s						*
b.mej.∅					*	
c.mej.h				*		
d.mej.ʒ			*			
e.mej.zi		*				
f. mes	*!					
g. mejs	*!					

Reforçamos que apenas um trabalho futuro, observando o quadro variável vigente, poderá definir se tanto DEP-V<sub>PhW</sub> como DEP-V<sub>σ</sub> irão de fato para depois da linha de corte. As ocorrências, mesmo poucas, de preenchimento do núcleo na posição final nos dão indícios da mudança da primeira restrição, diferente da segunda, pois se por um lado temos dados como af[i]ta, que nos levam a acreditar na possibilidade de preenchimento medial, por outro, temos dados atuais que corroboram a maior resistência a apagamentos e preenchimentos nessa posição.

Após a discussão do /s/ pós-vocálico nas posições medial e final em itens lexicais distintos, podemos passar à análise de um único item lexical que contemple as duas posições. Primeiramente, unimos as frequência de uso das variantes nessas posições e obtivemos o seguinte ordenamento: [s,z] – 65% > [ʒ.ʒ]<sub>MEDIAL</sub> – 28% > [∅]<sub>FINAL</sub> – 24% > [h] – 6% > [ʒ.ʒ]<sub>FINAL</sub> – 5% > [∅]<sub>MEDIAL</sub> – 1%. De posse desse ordenamento, foi possível, então, estabelecer a hierarquia exposta no Tableau (4).

<sup>5</sup> Para dar conta dos candidatos, a restrição DEP – V precisou ser especificada quanto ao domínio prosódico: DEP-V<sub>PhW</sub> (para palavra fonológica) e DEP-V<sub>σ</sub> (para sílaba).

Tableau 4 – /s/ Pós-Vocálico nas Posições Medial e Final

/kuskus/	No CODA- OBS <sub>Σ</sub>	No CODA- OBS PhW	DEP -V <sub>Σ</sub>	DEP -V PhW	MAX- IO <sub>Σ</sub>	*σ=0 [+CONT., +COR., -ANT.] PhW	*σ=0 [+CONT., -COR., -ANT.]	MAX -IO PhW	*σ=0 [+CONT., +COR., -ANT.] <sub>Σ</sub>	*σ=0 [+CONT., +COR., +ANT.]
☞ a.ku.s.kuj.s										**
☞ b.ku.ʃ.kuj.s									*	*
☞ c.ku.s.kuj.∅								*		*
☞ d.ku.h.kuj.s							*			*
☞ e.ku.h.kuj.h							**			
☞ f.ku.ʃ.kuj.ʃ						*			*	
☞ g.ku.∅.kuj.ʃ					*	*				
h.kus.kus	*!	*								
i.kujs.kujs	*!	*								
j.kuj.s.kujs		*!								
k.kuj.si.kujs		*!	*							
l.ku.si.kujs		*!	*							
m.ku.si.kuj.si			*!	*						
n.ku.s.kuj.si				*!						

Diante de termos /S/ pós-vocálico tanto na posição medial quanto na final, algumas restrições precisaram ser especificadas quanto ao domínio de aplicação, se na sílaba ( $\sigma$ ) ou na palavra fonológica (PhW). Além desse fato, observamos que teremos um inventário bem maior de variantes, já que teremos a combinação entre as posições e as variantes.

Segundo os resultados do /S/ pós-vocálico em separado, as variantes [s,z] e [h] apresentam a mesma frequência independentemente da posição medial ou final, 65% e 6%, respectivamente. Já as variantes [ʃ,ʒ] e [∅] têm frequência inversa, dependendo da posição medial ou final: 28% e 5% para [ʃ,ʒ] e 1% e 24% para [∅], respectivamente. Por isso, apenas as restrições  $*\sigma=0_{[+cont,+cor,-ant]}$  e MAX-IO localizadas após a linha de corte necessitam de especificação quanto ao domínio prosódico de aplicação.

Observamos no Tableau (4) que os candidatos (k), (l), (m) e (n), que apresentam o preenchimento do núcleo ora na posição medial ora na final, violam fatalmente a restrição DEP-V, especificada quanto ao domínio de aplicação. Os candidatos (h), (i), (j) violam a restrição NOCODA-OBS, que também foi especificada por domínio.

O candidato (a) [ku.s.kuj.s] é considerado o melhor, por possuir a variante mais frequente [s] nas posições medial e final. Já o candidato (g) [ku.∅.kuj.ʃ] seria o candidato menos acessado, pois apresenta as variantes menos frequentes tanto na posição medial [∅] quanto na final [ʃ].

Entendemos que o Tableau (4) não apresenta todas as possíveis combi-

nações entre as variantes, mas as restrições conseguem dar conta de todas as possibilidades e, conseqüentemente, estabelecer o ordenamento adequado para cada candidato que precise ser analisado no dialeto Pessoense.

Cumprido nosso propósito primeiro, passaremos a analisar os outros dialetos descritos, buscando determinar a hierarquia das restrições para cada um deles.

Retomando, primeiramente, os resultados de Brescancini (2002) sobre o dialeto de Florianópolis, é possível estabelecer o seguinte ordenamento para as variantes: [ʃ,ʒ] – 82% > [s,z] – 12% > [∅] – 5% > [h] – 1%. E pelo fato de esse ordenamento ser o mesmo para a posição medial e final de palavra, uma única hierarquia de restrições é capaz de dar conta do /S/ pós-vocálico independente da posição ocupada, como comprovamos no Tableau (5).

Tableau 5 – /s/ Pós-Vocálico no dialeto de Florianópolis

/mezmo/	NO CODA-OBS.	DEP-V	*σ=Ons [+CONT., -COR., -ANT.]	MAX-IO	*σ=Ons [+CONT., +COR., +ANT.]	*σ=Ons [+CONT., +COR., -ANT.]
☞ a.me.ʒ.mo						*
☞ b.me.z.mo					*	
☞ c.me.∅.mo				*		
☞ d.me.h.mo			*			
e.me.zi.mo		*!				
f. mez.mo	*!					
/maj.s/	NO CODA-OBS.	DEP-V	*σ=ONS [+CONT., -COR., -ANT.]	MAX-IO	*σ=ONS [+CONT., +COR., +ANT.]	*σ=ONS [+CONT., +COR., -ANT.]
☞ a.maj.ʃ						*
☞ b.maj.s					*	
☞ c.maj.∅				*		
☞ d.maj.h			*			
e.maj.zi		*!				
f. maj.s	*!					

A hierarquia para o dialeto de Florianópolis traz a predominância da variante palato-alveolar, selecionando os candidatos [me.ʃ.mo] e [maj.ʒ] como os melhores. É importante ressaltarmos que a distância entre a variante palatal e a alveolar é bem significativa, mostrando um comportamento inverso ao do dialeto Pessoense, quando observada a posição medial.

Passemos aos dados de Callou, Leite e Moraes (2002), que mostram que das cinco capitais estudadas (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador), apenas o falar soteropolitano não possui o mesmo ordenamento de variantes para a posição medial e a final de palavra, como podemos observar no Quadro (1).

Começando a nossa observação pelo Rio de Janeiro, constatamos que a frequência de uso das variantes é a seguinte: [ʃ,ʒ] – 90% e 75% > [h] – 6% e

10% > [Ø] – 2% e 8% > [s,z] – 1% e 8%, nas posições medial e final, respectivamente. Esse ordenamento resulta em uma hierarquia semelhante para as posições medial e final, como pode ser comprovado no Tableau (6).

Tableau 6 – /s/ Pós-Vocálico no dialeto do Rio de Janeiro

/mezm/	N O C O D A - OBS.	DEP- V	*σ=Ons [+CONT, +COR, +ANT.]	M A X - I O	*σ=Ons [+CONT, -COR, -ANT.]	*σ=Ons [+CONT, +COR, - ANT.]
☞ a.me.ʒ.mo						*
☞ b.me.h.mo					*	
☞ c.me.ø.mo				*		
☞ d.me.z.mo			*			
e.me.zi.mo		*!				
f. mez.mo	*!					
/maj/	N O C O D A - OBS.	DEP- V	*σ=ONS [+CONT, +COR, +ANT.]	M A X - I O	*σ=ONS [+CONT, -COR, -ANT.]	*σ=ONS [+CONT, +COR, - ANT.]
☞ a.maj.ʃ						*
☞ b.maj.h					*	
☞ c.maj.ø				*		
☞ d.maj.s			*			
e.maj.zi		*!				
f. maj.s	*!					

Percebemos que, à semelhança do dialeto de Florianópolis, o dialeto carioca apresenta a variante palatal como a mais frequente. No entanto, diferente do primeiro, a variante aspirada é a segunda mais frequente e a variante alveolar, a menos produtiva.

O falar de São Paulo, por sua vez, apresenta o seguinte ordenamento: [s,z] – 88% e 91% > [ʃ,ʒ] – 9% e 5% > [Ø] – 3% > [h] – 0%. Vale salientar que as variantes zero e aspirada têm a mesma frequência nas posições medial e final. Diante do único ordenamento, a mesma hierarquia de restrições pode ser observada para o /S/ pós-vocálico medial e final, como explicita o Tableau (7).

Tableau 7 – /s/ Pós-Vocálico no dialeto de São Paulo

/mezm/	N O C O D A - OBS.	DEP- V	*σ=Ons [+CONT, -COR, -ANT.]	M A X - I O	*σ=Ons [+CONT, -COR, -ANT.]	*σ=Ons [ + C O N T . , +COR, +ANT.]
☞ a.me.z.mo						*
☞ b.me.ʒ.mo					*	
☞ c.me.ø.mo				*		
☞ d.me.h.mo			*			

e.me.zi.mo		*!				
f. mez.mo	*!					
/maj.s/	N O C O D A - OBS.	DEP- V	*σ=ONS [+CONT, -COR,-ANT]	M A X - I O	*σ=ONS [+CONT, +COR,-ANT]	*σ=ONS [ + C O N T . , +COR,+ANT]
☞ a.maj.s						*
☞ b.maj.ʃ					*	
☞ c.maj.∅				*		
☞ d.maj.h			*			
e.maj.zi		*!				
f. maj.s	*!					

Salientamos que a frequência de 0% do [h] não implica categoricidade. Na realidade, indica um número muito pequeno de ocorrência que, comparado às demais variantes, torna-se “nulo”, por isso entendermos que a restrição  $*\sigma=ONS_{[+CONT,-COR,-ANT]}$  permanece após a linha de corte. E, por ser a restrição mais alta após a linha de corte, indica que os candidatos [me.h.mo] e [maj.h] são os menos prováveis de serem selecionados pelo EVAL.

A frequência das variantes em Porto Alegre nos revela o mesmo ordenamento do dialeto de São Paulo: [s,z] – 77% e 96% > [ʃ,z] – 23% e 2% > [∅] – 0% e 1% > [h] – 0%, diferindo apenas no fato de que a variante aspirada é a única a possuir a mesma frequência para as duas posições. Diante dessa semelhança para os dois falares, também utilizaremos o Tableau (7) para explicitar o comportamento do /S/ pós-vocálico em Porto Alegre, destacando mais uma vez que a restrição  $*\sigma=ONS_{[+CONT,-COR,-ANT]}$  também virá após a linha de corte.

Em Recife, a frequência das variantes para a posição medial e para a final é a seguinte: [ʃ,z] – 84% e 54% > [s,z] – 10% e 34% > [h] – 5% e 7% > [∅] – 2% e 5%, revelando mais uma vez a variante palatal como a mais frequente.

Se compararmos, atentamente, os resultados de Recife e Florianópolis, observaremos que esses dialetos só se distinguem na ordem das variantes [h] e [∅], que apresentam comportamento inverso. O Tableau (8), que expõe a hierarquia das restrições para Recife, corrobora a semelhança.

Tableau 8 – /s/ Pós-Vocálico no dialeto de Recife

/mezm/	N O C O D A - OBS.	DEP- V	MAX-IO	*σ=Ons [+CONT, -COR., -ANT.]	*σ=Ons [+CONT, +COR., +ANT.]	*σ=Ons [+CONT, +COR., -ANT.]
☞ a.me.ʒ.mo						*
☞ b.me.z.mo					*	
☞ c.me.h.mo				*		
☞ d.me.∅.mo			*			
e.me.zi.mo		*!				
f. mez.mo	*!					
/maj/	N O C O D A - OBS.	DEP- V	MAX-IO	*σ=ONS [+CONT, -COR., -ANT.]	*σ=ONS [+CONT, +COR., +ANT.]	*σ=ONS [+CONT, +COR., -ANT.]
☞ a.maj.ʃ						*
☞ b.maj.s					*	
☞ c.maj.h				*		
☞ d.maj.∅			*			
e.maj.zi		*!				
f. maj.s	*!					

Para finalizar, reforçamos que, assim como para João Pessoa, o falar de Salvador apresenta ordenamentos distintos para a posição medial: [ʃ,ʒ] – 56% > [s,z] – 39% > [h] – 4% > [∅] – 1%, e a final: [s,z] – 51% > [ʃ,ʒ] – 31% > [h] – 9% > [∅] – 9%. Por isso, é necessário unir as frequências para obter uma hierarquia capaz de dar conta de itens lexicais que possuam o /S/ pós-vocálico em posição medial e final de palavra.

O Tableau (9) apresenta a hierarquia das restrições com base no ordenamento conjunto das variantes: [ʃ,ʒ]<sub>MEDIAL</sub> – 56% > [s,z] – 39% e 51% > [ʃ,ʒ]<sub>FINAL</sub> – 31% > [h] – 4% e 9% > [∅] – 1% e 9%.

Tableau 9 – /s/ Pós-Vocálico nas Posições Medial e Final no Dialeto de Salvador

/kuskus/	NO CODA- OBS <sub>Σ</sub>	NO CODA- OBS <sub>PhW</sub>	DEP -V <sub>Σ</sub>	DEP -V <sub>PhW</sub>	MAX- IO	*σ=0 [+CONT, -COR, -ANT.]	*σ=0 [+CONT, +COR, -ANT.] PhW	*σ=0 [+CONT, +COR, +ANT.]	*σ=0 [+CONT, +COR, -ANT.] <sub>Σ</sub>
☞ a.ku. f.kuj.s								*	*
☞ b.ku. f.kuj.f							*		*
☞ c.ku. f.kuj.h						*			*
☞ d.ku. f.kuj. Ø					*				*
h.kus.kus	*!	*							
i.kujs.kujs	*!	*							
j.kuj.s.kujs		*!							
k.kuj.si.kujs		*!	*						
l.ku.si.kuj.si			*!	*					
m.ku.s.kuj.si				*!					

De todos os falares observados, pudemos perceber que o pessoense é o que apresenta um comportamento mais distinto entre as posições medial e final, casando com a proposta de uma maior preservação da posição medial. Isso nos faz pensar que somos coerentes ao argumentar que devemos considerar o /S/ pós-vocálico no PB como *onset* de núcleo foneticamente vazio em qualquer que seja a posição que ocupe na palavra, como também ao concluir que a diferença de comportamento nas posições se deve a questões referentes às especificações do domínio da sílaba e da palavra fonológica.

#### 4. Considerações finais

Os dados de variação presentes em Callou, Leite e Moraes (2002), Brescancini (2002), Hora (2003) e Ribeiro (2006), permitiram-nos analisar o /S/ pós-vocálico sob a perspectiva teórica do ROE (COETZEE, 2004; 2006). Acreditamos, portanto, que a partir dessa proposta nos foi possível dar um tratamento formalista coerente sem descartar o aspecto variável presente nos dados.

Para darmos início ao nosso propósito, retomamos as frequências de uso das variantes nos trabalhos mencionados, permitindo-nos estabelecer os ordenamentos das variantes do /S/ pós-vocálico para a posição medial e final de palavra. Em alguns casos, a exemplo dos falares de João Pessoa e de Salvador, foi necessário unir os ordenamentos distintos para cada posição em um único ordenamento, a fim de contemplar itens lexicais que possuem o /S/ pós-vocálico nas duas posições.

Visitamos, na literatura pertinente, as restrições mais importantes para lidar com a sílaba, destacando aquelas que seriam utilizadas, de fato, por nós: NoCODA-OBS, DEP-V, MAX-IO E \*σ=0<sub>[CONT,COR,ANT.]</sub>, em nossa análise.

De posse das restrições, efetuamos a análise. Iniciamos pelo falar paraibano e propusemos, com base no ordenamento das variantes, uma hierarquia de restrições que pudesse dar conta do fenômeno estudado. Foram estabelecidas hierarquias para cada posição do /S/ pós-vocálico na palavra e, em seguida, uma única hierarquia, para tratar de itens lexicais que contemplassem as duas posições.

Procedemos da mesma maneira em relação aos demais falares (Florianópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador), o que nos permitiu estabelecer semelhanças e diferenças entre eles.

Conseguimos com isso, demonstrar que os falares possuem uma hierarquia própria para o mesmo inventário de restrições. E, com isso, comprovamos que é possível, com o ROE, dar conta dos processos variáveis ao estabelecermos ordenamentos e hierarquias próprios a cada falar e guardar o aspecto variável sem deixar de lado a universalidade que os mantém sob a denominação de Português Brasileiro. ☒

*Recebido em...*

#### PEDROSA, J. L. R.; DA HORA, D. POST-VOCALIC CORONAL FRICATIVES: DESCRIPTION AND ANALYSIS

##### **Abstract**

*The coronal fricatives in Brazilian Portuguese (BP) in post-vocalic position, as in 'pa/S/ta, me/S/mo, doi/S/ and mai/S/' have been studied by numerous researchers in different regions of Brazil. What we observe, in general, is that their variable use implies, mainly, the presence of alveolar variants as opposed to alveopalatal variants, as well as the other variant use, such as the phonetic zero and aspirated ones. This article has two main focuses: (a) descriptive studies concerning the behavior of this variable in BP, in different dialects, based on variationist studies, and (b) a theoretical analysis based on Optimality Theory (OT), using the proposed Rank-ordering Model of EVAL-ROE (COETZEE, 2004, 2006).*

##### **Keywords**

*Coronal fricatives; variation; Optimality Theory; Rank-ordering Model of EVAL.*

## **5. Referências**

ARCHANGELLI, Diana. Optimality Theory: an introduction to linguistics in the 1990s. In: \_\_\_\_, LANGENDOEN, D. Terence. (ed.). *Optimality Theory: an overview*. Oxford: Blackwell, 1997.

BRESCANCINI, Cláudia. *A fricativa palato-alveolar e sua complexidade*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M., RODRIGUES, A. C. S. (org.). *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 537-555.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CARDOSO, Walcir; LIAKIN, Denis. Onset-Nucleus Sharing in Interlanguage: evidence from Brazilian Portuguese English. In: *Proceedings of the 2nd Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North American*. Somerville: Cascadilla Proceedings Project. 2007. [disponível no site [www.lingref.com](http://www.lingref.com), document #1547]

COETZEE, Andries W. *What it means to be a loser: non-optimal candidates in Optimality Theory*. Tese de PhD. University of Massachusetts Amherst, 2004.

\_\_\_\_\_. *Variation as Accessing "Non-Optimal" Candidates: A Rank-Ordering Model of EVAL*. 2006. [disponível no site ROA- 863, – Rutgers Optimality Archive, <http://ruccs.rutgers.edu/toa.html>].

EWEN, J. Colin; HULST, Harry van der. *The phonological structure of words: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

HARRIS, John; GUSSMANN, Edmund. *Final codas: why the west was wrong?* Mimeo. 1998.

HERZOG, Marvin I.; LABOV, William; WEINREICH, Uriel. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P., MALKIEL, Y. (ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

HORA, Dermeval da.. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia, ABRAÇADO, Jussara (org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro, 2003.

\_\_\_\_\_. *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba*. 1993.

KAYE, Jonathan. Do you believe in magic? The story of s+C sequences. *SOAS Working Papers in Linguistics and Phonetics* 2, 1992. p. 293-313.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971.

MCCARTHY, John; PRINCE, Alan. *Prosodic morphology I: constraint interaction and satisfaction*. University of Massachusetts, Amherst and Rutgers University, 1993. [disponível no site ROA-482, – Rutgers Optimality Archive, <http://ruccs.rutgers.edu/roa.htm>].

MEZZOMO, Carolina Lisbôa. In: LAMPRECHT, Regina Ritter et al. (org.). *Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Atmed, 2004.

PEDROSA, Juliene L. R.; LUCENA, Rubens M.; HORA, Dermeval da. A Inserção Vocálica após a Coda Silábica: uma abordagem variacionista. Trabalho apresentado no *Simpósio Internacional sobre Vogais*. João Pessoa – Paraíba, 2007.

\_\_\_\_\_. *Análise do /S/ Pós-Vocálico no Português Brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?* Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, 2009.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality theory: constraint interaction in generative grammar*. Rutgers University, 1993. [disponível no site ROA-537, – Rutgers Optimality Archive, <http://ruccs.rutgers.edu/roa.htm>].

RIBEIRO, Silvia Renata. *Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2006.